Por que o #15M foi tão grande e balançou Bolsonaro? | Wagner Romão.

19/05/2019

Na quarta-feira, dia **15 de maio**, cerca de 1 milhão e 500 mil pessoas saíram às ruas das cidades brasileiras em defesa da educação. O dia ficou conhecido como 15M. O mote inicial das centrais sindicais e dos sindicatos ligados ao campo da educação estava centrado no repúdio à reforma da Previdência proposta por Bolsonaro.

Ao contrário de "salvar a previdência para nossos filhos e netos", como discursa Guedes, esta reforma destrói a previdência pública no Brasil ao impor o regime de capitalização individual em que os empregadores e o Estado se eximem de qualquer contribuição às aposentadorias e pensões.É a institucionalização do "salve-se quem puder", do "quem pode mais, chora menos". Ganharão os bancos e os fundos de previdência privados.

Mesmo a classe média – que talvez tenha algum recurso para "capitalizar-se" – poderá ficar a ver navios se em alguma crise o sistema privado quebrar. Estudo da Organização Internacional do Trabalho, entidade que faz parte da Organização das Nações Unidas, publicado em 2018, dá conta de que **dezoito dos trinta países que privatizaram total ou parcialmente seus sistemas de previdência social entre 1981 e 2014 já reverteram total ou parcialmente a privatização** (https://www.social-protection.org/gimi/RessourcePDF.action?ressource.ressourceId=55301).

Portanto, a reforma da Previdência já seria motivo mais que suficiente para uma enxurrada de gente nas ruas.

O ministro da Educação, Abrahan Weintraub, do alto de sua arrogância, botou mais lenha na fogueira. No dia 30 de abril, anunciou cortes no orçamento das universidades e institutos federais de educação superior (IFES). Mais que isso, afirmou que UFBA, UnB e UFF teriam cortes maiores por serem antros de "balbúrdia", um argumento inaceitável, de perseguição ideológica, típico das ditaduras.

Dias antes, o ministro anunciou que estudava "descentralizar investimento em faculdades de filosofia e sociologia (humanas)", tidas como algo desprovido de valor na vida prática.

A isso se somaram cortes efetivos das bolsas de pesquisa de estudantes de pós-graduação que se dedicam muito a construir conhecimento para o progresso do país, em todas as áreas do saber.

E mais: a isso vem se somando há alguns anos toda a doutrinação do movimento "escola sem partido" que constrange professores no dia-a-dia de sua labuta diária nas salas de aula e fora delas. Alunos são estimulados a denunciar qualquer tipo de suposto viés político dos professores, como se estes devessem se transformar em máquinas de transmissão de conhecimento "neutro".

São ataques sucessivos à dignidade de professores, estudantes e funcionários do campo da educação, da ciência e da tecnologia. Foi toda esta indignação coletiva que gerou o #15M.

Mas, ele foi muito mais capilarizado do que noticiou a imprensa e gerou ainda maior desgaste político porque atingiu em cheio as bases daqueles que ocupam as cadeiras na Câmara dos Deputados.

E isso porque a expansão das Universidades e das IFES entre 2003 e 2016 fez com que os estabelecimentos federais chegassem a mais de 600 municípios brasileiros. O governo federal construiu instalações para novos cursos de ensino superior e tecnológico e também federalizou escolas já existentes.

Isto é, o “mais Brasil e menos Brasília” de Bolsonaro já ocorreu nos anos dos governos petistas quanto à presença de instituições federais de ensino superior pelo país, em todos os estados. O governo federal agiu naquilo que é sua obrigação constitucional, o ensino em nível superior. Esta nova realidade é politicamente irreversível.

O deputado pode ser de esquerda, de centro e até de direita, mas ele será obrigado a defender a permanência do campus do IFES da sua região. E ainda mais com a estudantada nas ruas.

Os cortes no orçamento das universidades e IFES reforçaram o desgaste do governo Bolsonaro no Congresso. A incapacidade de articulação política de Bolsonaro se aprofunda a cada dia e, tendo a rua contra, a pressão sobre o governo irá aumentar. E ela virá de todos os lados, pois se ainda há algo quase unânime neste país – à exceção da extrema-direita obscurantista – é o sentimento de que só a educação poderá nos salvar.

- Wagner Romão, professor de ciência política no IFCH-Unicamp e presidente da Associação de Docentes da Unicamp – ADunicamp. (Publicado originalmente na Carta Campinas)



(foto Mariana Cartaxo – Mídia Ninja)

Compartilhe nas redes: